

# Diferenças devem ser ponto de partida

→ Para se alcançar a equidade na escola, é preciso tomar em conta a desigualdade que caracteriza seus alunos. É esse o foco que especialistas em educação apontam para melhorar o sistema público de ensino em todo o país. Estar atento às condições individuais e familiares dos alunos leva a observar o que é óbvio: todos são diferentes. Na escola, principalmente, a igualdade deve estar centrada na forma de atendimento e no respeito ao cidadão que se está formando, o que jamais poderia ser confundido com a concepção de que todos os alunos partem dos mesmos patamares sociais, culturais e cognitivos.

“O que a escola tem feito, em grande parte, é esperar que todos os seus alunos tenham as mesmas condições de acesso à escrita e, ao constatar que isso não ocorre, geralmente responsabiliza pelo próprio fracasso aqueles que chegam a ela com menor experiência. No entanto, justamente os que têm menor contato com as funções da escrita devem



**HELENA** | Contexto familiar tem importância no aprendizado

participar de situações em que ela ocorra com maior intensidade, na escola”, avalia a supervisora pedagógica de programas do Instituto de Qualidade no Ensino (IQE), Maria Helena Braga.

Pesquisas têm demonstrado que, apesar do desenvolvimento cognitivo e do emocional sofrerem etapas semelhantes a todos os indivíduos, cada sujeito apre-

de o mundo e lida com ele como resultado da confluência de diversos fatores: características individuais, contexto social e cultural. “Se quisermos atingir um ponto de chegada em que os alunos tenham desenvolvido o máximo de seu potencial, precisaremos ter como ponto de partida as idiosincrasias, que deixam cada ser tão único. A começar pelos

conhecimentos que os alunos já têm construídos, tanto no âmbito familiar quanto no escolar. Ninguém é uma tabula rasa que inicia seu processo de conhecimento no primeiro dia de aula de cada ano letivo”, acrescentou a especialista.

Maria Helena aponta que outro fator extremamente significativo para o aprendizado é o contexto familiar. “Se o aluno tem a possibilidade de interagir com a escrita, por exemplo, em sua vida cotidiana, de observar como os adultos e outras crianças mais velhas fazem uso dela e perceber em que situações discursivas ela se faz necessária, certamente sua relação com a escrita será muito mais abrangente do que a do aluno que vem de lar pouco escolarizado ou pouco alfabetizado”, destacou.

E isso não tem nada a ver com inteligência, avalia a supervisora. Maria Helena acredita que pessoas não alfabetizadas podem ser tão inteligentes como as que têm um alto grau de conhecimento sobre a cultura escrita.